PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 19
ANO 2
OUTUBRO/2020

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Vôte!, Oxente!, Tchê!, a Pixé quer olhar para o Brasil. Mas, afinal de contas, haverá "um Brasil"? Não seria esse nosso enorme continente tupiniquim uma imagem construída com muita tinta e algumas balas de canhão? Estamos cutucando a onça com vara curta para falar sobre regionalismo, ou melhor, sobre regionalismos. É preciso nos questionarmos se essas impressões regionais não são, elas mesmas, uma manifestação do que seria nacional em qualquer outro país latino-americano. Só para fundir a cuca, cabe outra questão diametralmente oposta. Importa saber se a escrita classificada como regionalista não é um eco romântico que visa a integração nacional. Autonomia ou integração? Individualidade ou coesão?

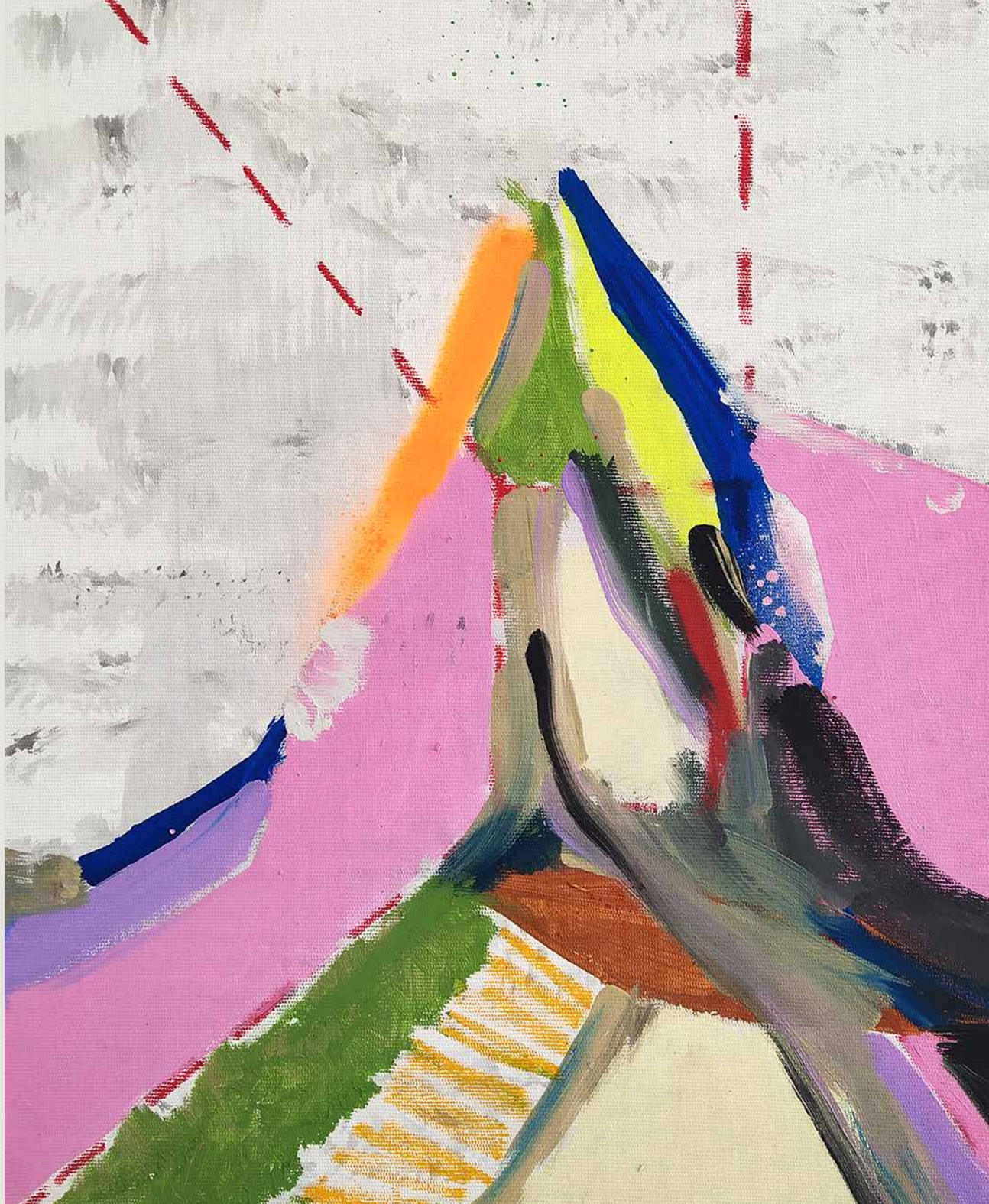
Antes de continuarmos, importa resolver um bruta equívoco. Formou-se a convicção – provavelmente às margens da melhor crítica literária – de que o regionalismo é pior, menor, esteticamente mais pobre do que uma literatura considerada universal. Negativo! O guru da crítica brasileira Antonio Candido explica que o antônimo de regionalismo não é universalismo e sim cosmopolitismo. Isso significa que, um texto essencialmente regional pode perfeitamente bem transpirar o drama humano por todos os poros. Não é o caso de José Lins do Rego? De Rachel de Queiroz? De Jorge Amado? De José Américo de Almeida? Se até Manoel de Barros que canta caramujos e borboletas do Pantanal mato-grossense é considerado um poeta nacional, por que a utilização de um determinado cenário faria a obra pior, menor, menos importante?

O regionalismo combate a cidade, a doença do cosmopolitismo e seus sintomas. E mais: é no regionalismo que a(s) identidade(s) brasileira(s) aparece(m) de forma mais nítida. O que mais importa para avaliação de uma obra literária não é o acento usado no texto, não é a geografia, não é um glossário regional. Isso tudo pode formar uma rica simbiose com a narrativa ou compor uma lírica particular, mas nunca substituir o essencial de uma obra literária – o drama humano. O que pode ter ocorrido no nosso rincão é a interiorização do romantismo, isto é, da tarefa literária fundacional de dizer "o que é o Brasil". Esse projeto de emancipação e de identidade colocou a pergunta no plural: "o que são os Brasis?".

De qualquer forma, a polêmica é das menos produtivas que se possa conceber porque não se trata de julgar o que é "bom" ou "mau" e sim rotular uma determinada produção. Chamamos atenção para um outro elemento que os estudos culturais trouxeram para o debate. O regionalismo seria uma manifestação de resistência cultural ao neocolonialismo, de um lado, e à pasteurização cultural do eixo Rio-São Paulo, de outro. Procede? Não. Esse discurso leniente com a produção literária, enxergando-a de forma enviesada, parece-nos comodismo e não dá conta de analisar a obra literária em si. Noutras palavras – enxerga-se o mérito literário pelo contexto e não pelo texto. Fôssemos analisar o contexto real do regionalismo, muito pouco dele está atrelado à resistência cultural e sim vinculado a campos simbólicos locais. Trocando em miúdos: trata-se de falar "por", "com" e "para" um grupo que (re)conhece determinados códigos que garantem a recompensa.

Em termos de literatura, a paisagem é uma coadjuvante. No máximo, fornece um tempero à narrativa, integrando-se ao personagem como é o caso de Taunay, Graciliano Ramos ou Franklin Távora. Contudo, os pampas, o sertão, o pantanal, a floresta, nada disso protagoniza um romance. Nessa paleta, é possível discernir dois tons: o primeiro usa o cenário como referência e se concentra nos sentimentos humanos em conflito e o segundo faz do cenário um objetivo da obra literária, o que diminui o alcance da expressão. A última coisa que se destaca na obra de Guimarães Rosa são os sertões que emprestam a ambiência para dramas humanos profundos e inconfessáveis. O sertão de Rosa está dentro do sertanejo – é por isso que o levamos para qualquer parte.

Tentar ser regional causa o mesmo prejuízo de tentar não sê-lo. Esse esforço de desterritorialização pode ser tão deletério quanto a fixação monotemática em uma única geografia quando sentimos que, ao ler o livro de um autor, acessamos também a obra toda. Por enquanto, basta. Resumo da ópera: fazer arte não é fácil. A única certeza que temos é que ela serve para retratar a nossa humanidade, nem que seja por meio de uma natureza morta.

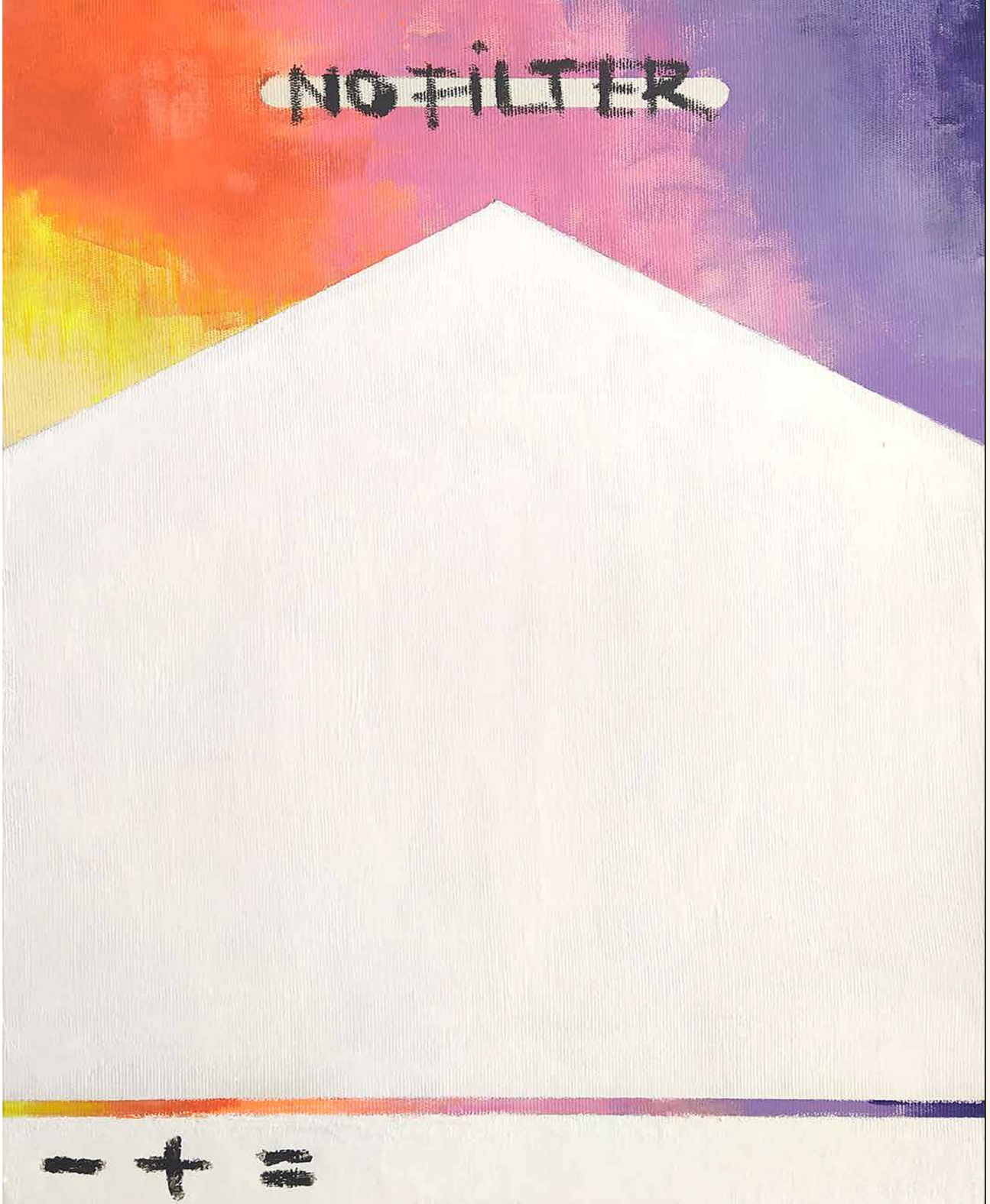


SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Aclyse Mattos
10 André Siqueira
12 Caio Augusto Leite
14 Dante Gatto
16 Eduardo Mahon
18 Gabriel de Mattos
20 Helena Werneck
22 Helvio Moraes
26 **Franco Guardino**
30 Jaqueline da Silva Oliveira
32 João Bosquo
34 Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
36 Marcos Pfeifer
38 Maria Cleunice Fantinati da Silva
40 Marta Cocco
42 Priscila Darolt
44 Ricardo Carranza
46 Rodrigo Meloni
48 Agnaldo Lima
50 Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Franco Guardino
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Aclyse Mattos, André Siqueira, Caio Augusto Leite, Dante Gatto, Eduardo Mahon, Gabriel de Mattos, Helena Werneck, Helvio Moraes, Franco Guardino, Jaqueline da Silva Oliveira, Jaqueline Oliveira, João Bosquo, Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Marcos Pfeifer, Maria Cleunice Fantinati da Silva, Marta Cocco, Priscila Darolt, Ricardo Carranza, Rodrigo Meloni, Agnaldo Lima, Anna Maria Ribeiro.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba



NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

O UNIVERSO PLURAL DA CULTURA

Eu me lembro de um texto de Alfredo Bosi que defende a ideia do heterogêneo e do múltiplo na constituição da cultura brasileira. Não nega a relação operante desta com a política, pelo menos como esperamos acontecer. São forças invisíveis, ou no dizer do teórico, "representações sociais e forças psíquicas" que atuaram e atuam na vida individual e coletiva. Historicamente, foram manipuladas de variadas formas de modo a homogeneizar comportamentos, muitas vezes utilizados como matrizes ideológicas. Ao afirmar que "a cultura é plural mas não caótica", Bosi admite a sua radiação em todos os aspectos da vida social, a mutação constante a que se expõe e o dinamismo decorrente do movimento humano no tempo/espaço de significação.

A base dos seus estudos é a literatura brasileira, por isso está à vontade para pensar sobre as singularidades dos processos das múltiplas interações e oposições que nos constituíram. E qual seria essa "cultura de resistência"? Em que grau está sendo observada na escola, nas comunidades e nas redes sociais? A pluralidade das identidades culturais, opondo-se à uniformização dominante nos coloca em harmoniosa celebração da diferença nas relações sociais, democracia e justiça social em meio às dominantes relações de poder. A celebração do plural que desencadeie e fortaleça ações articuladas às práticas sociais em defesa da diversidade da vida humana desatrelada da discriminação, preconceitos ou excludência. Mesmo na polissemia do termo, impõe-se compreender o fenômeno, a noção de valor em suas realidades objetivas e subjetivas?

Em um mundo cada vez mais caótico, globalizado (gosto da imagem da fluidez de Zygmunt Bauman), as identidades se respaldam na noção que temos de cultura. Em maior ou menor grau, ela se fortalece na diversidade. O grande desafio hoje está na dose exata que fazemos das questões não excludentes, principalmente ao se levar em conta as relações imputadas pelas novas tecnologias e ao novo mundo imposto por elas. O discurso aí engendrado constrói sentidos que entram diretamente na forma como organizamos nossas ações e mesmo na concepção que temos de nós mesmos. Seria repensarmos a nossa *paidéia*, inserindo-nos no vasto círculo dos povos, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições, o que parece adquirir um novo estatuto social necessário à reelaboração semântica e histórica, constituindo-se parte dos sentidos adquiridos pela educação e pela cultura.

SÓIS NEGATIVOS

A infância forma quintais abandonados
em que as árvores continuam crescendo

A folhagem dos dias
cria jabuticabas
como sóis negativos
na casca do tempo

vinte e cinco anos sem por os pés
nessa terra úmida do passado

gestos parecem pântanos

desandamentos
também corrigem

o frio das manhãs
o viço das tardes
a ilegibilidade das noites
o mistério

Isso é crescer ?
Ou ir perdendo aos poucos
o mundo dentro de nós?

Aclyse Mattos
É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

um adulto põe-se ilegível
numa sacada donde prostrado
consterna-se com garranchos
submetidos à fatigada solidão
do barulho de cabeças rolando
ao sol do dia que se afundou

Se a pressa fica tresloucada
resta o zerado nome flácido,
o paquiderme pela rua.
O nervosismo da varíola.

Olheira posta no bolor,
preso retalho de porão
espatifado. Navalhada
no olho canino preto e branco.

Nojo palmilha e rodopia
como se fosse quadro coxo.
Bexiga sobe marejada,
coceiras pulsam com tremor.

Mijado céu na desfraldada
calçada prenhe, sorumbática.
O caminhar-se fala fosco
como a gagueira renitente
no tremelique dos desejos.

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Já publicou poemas em várias antologias, revistas, jornais e sites de literatura. Publicou de forma independente dois livretos intitulados "Quase Ontem" e "As manhãs fechadas". Cursou a faculdade de Letras, porém sem concluir e atualmente faz Pedagogia, além de participar de eventos literários, oficinas de poesia e demais trabalhos.

PAREDE

ao que parece
tudo agora se parece
está parado
preso
faz prece
e tem pressa

ao que aparece
tudo tão parado
e ainda express
tudo muito parecido com
paredes

ao que parece
todo mundo agora se parece
entre paredes
e preces

Caio Augusto Ribeiro
É ator e diretor inscrito pelo DRT 0000651\MT. Começou os trabalhos como ator em 2009. Autor do livro "Porão da Alma" (clube de autores), Colecionador De Tempestades (Carlini&Caniato) e Manifesto da Manifesta (Carlini&Caniato), diretor do curta-metragem Réquiem Para Flores (2017). Fundador do coletivo de artes hibridas Coma A Fronteira. Atualmente desenvolve trabalhos levando poesias e processos criativos para as escolas e faculdades. Realiza oficinas voltadas para produção poética, arte urbana e teatro. Mas no fundo, prefere passar o dia no jardim olhando folhas e formigas.

A JANELA

O gato entrou, no cair da noite, pela janela do seu quarto, acidentalmente entreaberta.

A primeira vez que se viram, ela e o gato, foi na festa de aniversário dela, há dois dias. Ele apareceu do nada. Um gato preto de pelos brilhantes e olhos amarelos. Ele veio ao seu encontro como se já a conhecesse e ela o abraçou com a espontaneidade de um reencontro. Os adultos perceberam a invasão e expulsaram o bicho que ainda ficou olhando-a de cima do muro. Ela chorava com os braços estendidos o que comoveu os convidados. Por fim, resistiu o quanto pode e sorriu aos presentes.

Pois é, ele voltou dois dias depois, encontrou a janela do quarto dela, que ficará entreaberta por descuido de alguém, e a menina recuperou a felicidade negada no aniversário.

Tornou-se hábito do gato aparecer na caída da noite e encontrar a janela premeditadamente entreaberta. Ele desaparecia pela manhã, por vezes, sem se despedir, porque ela ainda dormia.

Não demorou muito para que a casa assimilasse o gato. Não faltou berreiro da menina, apesar da sua aparente fragilidade. Por fim, a mãe providenciou um recipiente com areia para evitar que se repetissem catástrofes anteriores, envolvendo o gato no cumprimento de suas inevitáveis necessidades.

Raramente o gato perambulava pelo demais cômodos da casa. Exceção para o vazio dos domingos em que todos saiam e a menina deixava a porta aberta do quarto, porque sentia que o amiguinho queria explorar o espaço. Normalmente, deixava-a fechada à chave para que ninguém o incomodasse.

Foi no seu aniversário de 15 anos que entraram abruptamente pelo quarto, acidentalmente aberto, para lhe fazer uma surpresa que o gato evadiu-se pela janela e nunca mais voltou. Ela se acostumou a dormir chorando, olhando à janela, esperando seu retorno.

Quando teve que sair da casa dos pais para estudar remoeu uma dor inaudível. Não era só afeição pelo cotidiano e as pessoas, mas um sentimento ambíguo por um improvável retorno do gato. Padeceu desconfortável insônia na nova moradia, um pequeno apartamento no terceiro andar, e só conseguiu dormir relativamente melhor quando se lembrou de abrir a janela antes de deitar.

Formada, casou-se com um fazendeiro, criador de cavalos, rico e rústico, de uma sensibilidade ocasional. Se por vezes ele esquecia a data do casamento, aniversários e outras delicadezas conjugais, não deixava de cuidar, mesmo no inverno, que a janela do quarto estivesse entreaberta, apaixonado, aliás, pelo espírito indômito da delicada médica.

Ela amava os cavalos do marido e, enquanto veterinária, cuidava com zelo, apesar da liberdade tolhida que sempre questionava. Trabalhou em clínicas veterinárias, lecionou em universidades, viajou muito, conferiu palestras no Brasil e no exterior, mas não conseguia estar na presença de um gato sem um nó na garganta. Mesmo em hotel ocasional, onde quer que fosse, mantinha, à noite, a janela entreaberta.

Uma vez viúva e aposentada retornou a velha casa dos pais. Acomodou-se no seu quarto de criança, apesar de pequeno, e dormia com a janela entreaberta. Há muito que não chorava antes de dormir. Sorria, sim, com a leveza da compreensão das tragédias da vida.

Numa noite de agosto, já deitada, sentindo o peso do próprio corpo, acomodando-se nunca antes tão confortavelmente, viu a luz da lua que brilhava pela janela desaparecer atrás do gato negro de pelos brilhantes e olhos amarelos.

Um dos filhos a encontrou no dia seguinte, deitada, imóvel, sorrindo e fechou a janela.

Dante Gatto

Natural de São Paulo-SP, professor aposentado da UFMT e da UNEMAT, colaborador do Programa de Pós-graduação de Estudos Literários. Escreveu e acompanhou a montagem de seis peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo - adaptação* (1995); Retorno ao futuro: a semana de 22 (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). A peça *A noite dentro da noite*, em 1990, recebeu o Prêmio "Textos inéditos do interior. Ano 90" do Projeto "Oswald de Andrade de Dramaturgia", promovido pela Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. Publicou três livros de poemas: Poesias (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) e *A Ferida e outros poemas* (2015). Publicou vários prefácios e poemas premiados em diversos concursos literários.

A PEDRA

Uma pedra é uma pedra não porque se quis assim
Mas, antes, porque foi pedra desde sempre
Por mais que queiram fazer dela tudo menos pedra
E mesmo quando ainda não era chamada pedra
Nasceu pedra, se é que pedra nasce
E vai morrer pedra, se é que pedra morre

Uma pedra não se ofende com a desnaturação alheia
Das películas modernas que a fazem flutuar como nuvens
Ou das pinturas que a fazem parecer voar como pássaros
A pedra, contudo, continua solidamente convicta
Da sua natureza essencial de pedra

A pedra poderia, claro, não se chamar pedra
Mas seria pedra de qualquer forma, em qualquer língua
Independentemente do que inventam os poetas e os ficcionistas
Pedra é pedra porque só pode ser, mas gente é diferente
Gente é o que quer pelo poder de querer

Eduardo Mahon
43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

Gabriel Mattos
É mato-grossense nascido em Minas Gerais, arquiteto de aulas de história, criador de romances gráficos e escritos, oito livros publicados, três na gaveta, espera viver num mundo sem pandemias, epidemias, quarentenas...

O COLÓQUIO EM BOGOTÁ

E aqui estamos nós neste *shopping center* em Bogotá. Espero, na mesa da praça de alimentação, em frente a um *sandwich* feito por uma internacional franquia de *fast-food*, a volta de Laora. Ah, a bela Laora, que hoje falou sobre a influência de George Sand na literatura feminina latino-americana dos anos de chumbo (*tchumbo*, diria ela).

Nem lembro sobre o que vou falar (nem quando), vejo na hora de abrir o *powerpoint* em frente à platéia. Aliás, nem queria vir para cá.

Meu pai me deu a viagem de presente. Eu precisava (segundo ele) espairecer um pouco, afinal fui eu que mais acompanhei minha mãe até ela ficar "desligada" (internada, incapacitada, interditada).

- É, vai nesse colóquio na Colômbia, espairece um pouco.

Colóquio não, Simpósio!

Mas acabou que está sendo bom. Cheguei num impasse profissional. Acho que é a idade. Afinal não tenho mais gana para estudar. É um limite. Doutor em Literatura Contemporânea. Ou nem tanto, afinal, afora a Tese, sobre os movimentos literários estaduais, meu arcabouço é feito de todos os livros de ficção de Érico Veríssimo, de Graciliano Ramos e do Ciclo da Cana de Açúcar do José Lins. E eu não sou gaúcho nem nordestino!

Tentei ir além, juro. Comecei os romances de Lucio Cardoso, bolei, para a tese, uma comparação entre *Três Escritores Comerciais Brasileiros* (baita nome!). Foi uma idéia legal: partir do Malba Tahan nos anos cinquenta, passar pelo enigmático José Mauro de Vasconcelos nos anos sessenta e fechar com Paulo Coelho a partir dos anos de chumbo. Mas não aguentei a pressão de ler a quantidade de livros de cada um, porque isso eu *precisava* fazer; e bloqueei justamente no Paulo Coelho. Tá legal, estava adorando a fase mística do José Mauro, o mais sincero dos três.

Mas aí praticamente fui convidado para o doutorado aqui mesmo (não em Bogotá, em casa! Casa?), com uma pesquisa já encaminhada do departamento sobre as revistas literárias regionais. Pelo menos podia ser como aquela pesquisa do professor maluco do departamento de Arquitetura sobre histórias em quadrinhos locais, mais o processo de resgate de uma história subterrânea!

E depois da titulação, desânimo. Meus autores comerciais relevados ao esquecimento, releituras dos nordestinos. Convite do papai para bancar a viagem a este colóquio.

Colóquio não, Encontro!

E Laora que não volta, me deixa aqui na *Plaza de Alimentación* (não deve ser isso), neste centro de compras, nesta cidade militarizada porque a guerrilha está negociando com o governo. Acho que Laora só saiu comigo porque eu chamei George Sand de *sapatão* e defendi o Chopin; e ela pode ter fingido que gostou da minha teoria de submissão dele em relação a ela. Na verdade, eu me escondi no Chopin porque não conheço nada da ilustre sapatona, aliás nem leio francês. E estou ainda bem por fora das palavras que estão na moda nos estudos de gênero, que é por aí que Laora está indo.

E meu pai estava certo, preciso espairecer. Afinal, fui eu que fiquei em casa acompanhando minha mãe nos seus últimos estágios de lucidez. A Elisa minha irmã estava enfrentando os preparatórios para a magistratura; meu irmão às voltas com os rolos dele com a esposa e a(s) amante(s), além da fazenda; *a-de-perto*, que *a-de-longe* meu pai se enfiava lá até ser convocado para voltar.

Agora, com mamãe interditada, Elisa minha irmã disse que nós três precisamos nos preparar: papai solto vai entrar na gandaia. Ela quer ficar com uns investimentos, dinheiro mesmo. Pro meu irmão vai ficar a fazenda-de-perto, que ele já está tocando...

Tocando, virgula! enrolando. O desgraçado tentou plantar maconha lá, e avisou para os amigos íntimos, que tinham amigos íntimos, que por sua vez... O assunto foi parar na Loja Maçônica, e um tio distante veio conversar com ele, que aquilo não era assim, que aquilo era fria. Se você não tivesse os contatos certos... E que então era melhor parar. Parar. Mesmo. Sem segunda chance.

E ele só está esperando a fazenda-de-perto ir pro nome dele, que ele já tem comprador. O problema é que o comprador é relacionado com a família da esposa, gente graúda do sul. E eu quase morri de rir:

- Está difícil, meu. - meu irmão todo sério - Eu não posso nem ir atrás daquelas que dão bola. E como dão bola! A Maria Joana está marcando sobre pressão, e a mãe dela nem se fala. Tenho que ficar trancado lá na fazenda. Deee vez em quaaando um amigo me manda uma profissional lá pro mato.

É assim que ele chama a fazenda-de-perto: O Mato.

Eu devo ficar com umas casas velhas no centro, aluguel barato, inquilino pobre, essas coisas.

Mas eu acho que a Laora está aqui por causa das guerrilhas, ela já falou que é simpatizante. E de repente eu fujo com ela para *las cordilleras*.

Por enquanto é aproveitar o Colóquio, prometi pro meu pai.

Colóquio não, Seminário!

E bebo meu *soft-drink* enquanto minha libertária não vem. E espero que ela me coloque em contato com as guerrilhas, para que eu possa descer e tomar primeiro a fazenda-de-longe, onde meu pai se esconde com as profissionais, depois a-de-perto, onde meu irmão se esconde com outras profissionais, depois a gente vai para a guerrilha urbana, onde Elisa minha irmã está num juizado especial...

E então eu volto para a estante onde estavam as obras completas do José Mauro de Vasconcelos, os livros amarrotados do Érico Veríssimo, e deixo Laora e meus colegas brigando por gênero (ou sexo, não entendo!), até fazermos um acordo com o governo, ou tomarmos o governo...

A lua de Bogotá é a mesma do cerrado, eu continuo sem saber francês, não gosto de autores novos (mais novos que eu), não sou poeta, não bebo, não sei andar pelas cidades perdidas onde guerrilheiros, professores, juízes, fazendeiros, estudantes passeiam com seus sonhos e medos...

VOCÊ

Você me pergunta, se eu já te escrevi poemas
Sim, meu bem, alguns
Mas isso não é nada
Pois já escrevi poemas demais
E o que eu escrevi pra você
Foi com meu lápis divino
Eu escrevi o sumo da vida
Pois é o que tu é
O sol inteiro raiando dourado
O rio, o oceano, a areia da praia infinita
O mundo todo
Uma galáxia completa
Uma seita, uma verdade
Uma razão,
Você não alugou, você comprou meu coração
Sua residência é fixa
Sua permanência inegociável
E nem se eu fosse Drummond
Que escreveu mais que respirou na vida
E eu lhe fizesse uma resma de versos
Seria preciso, na verdade, uns 8 mil universos
Pra caber tudo que eu sinto
E mesmo que eu quisesse mentir
E pra você eu não minto
Eu juro dizer a verdade e somente a verdade
Comer queijo cotage e tomar vinho tinto
Imagino nossa vida inteira atrás de vasos de samambaia
Cães, gatos, filhos debaixo da nossa saia
Eu que sempre achei que amor era uma porrada
Descobri, da melhor forma
Que eu estava enganada.

BURRO

Eu ando tão triste
Como se o mundo tivesse o dedo em riste
Dizendo que as coisas são quebradas velhas e usadas
E meu corpo é um rio morto que há muito já secou
Eu ando assim desesperada
Com uma dor feia pendurada no meu peito
Uma gaiola de sinos
Que por onde eu passo
Meninas e meninos
Escutam as lamúrias da música do que eu sinto
Eu não traio
Eu não minto
Eu não caio
Eu não grito
Eu não sinto
Mas continuo existindo
Como um homem fantasiado de burro
Na peça de William Shakespeare

Helena Werneck
Cuiabana, formada em Secretariado no IFMT, e vencedora do prêmio de literatura de Mato Grosso de 2017 categoria revelação com a obra de título “Nu”.

QUIMERA

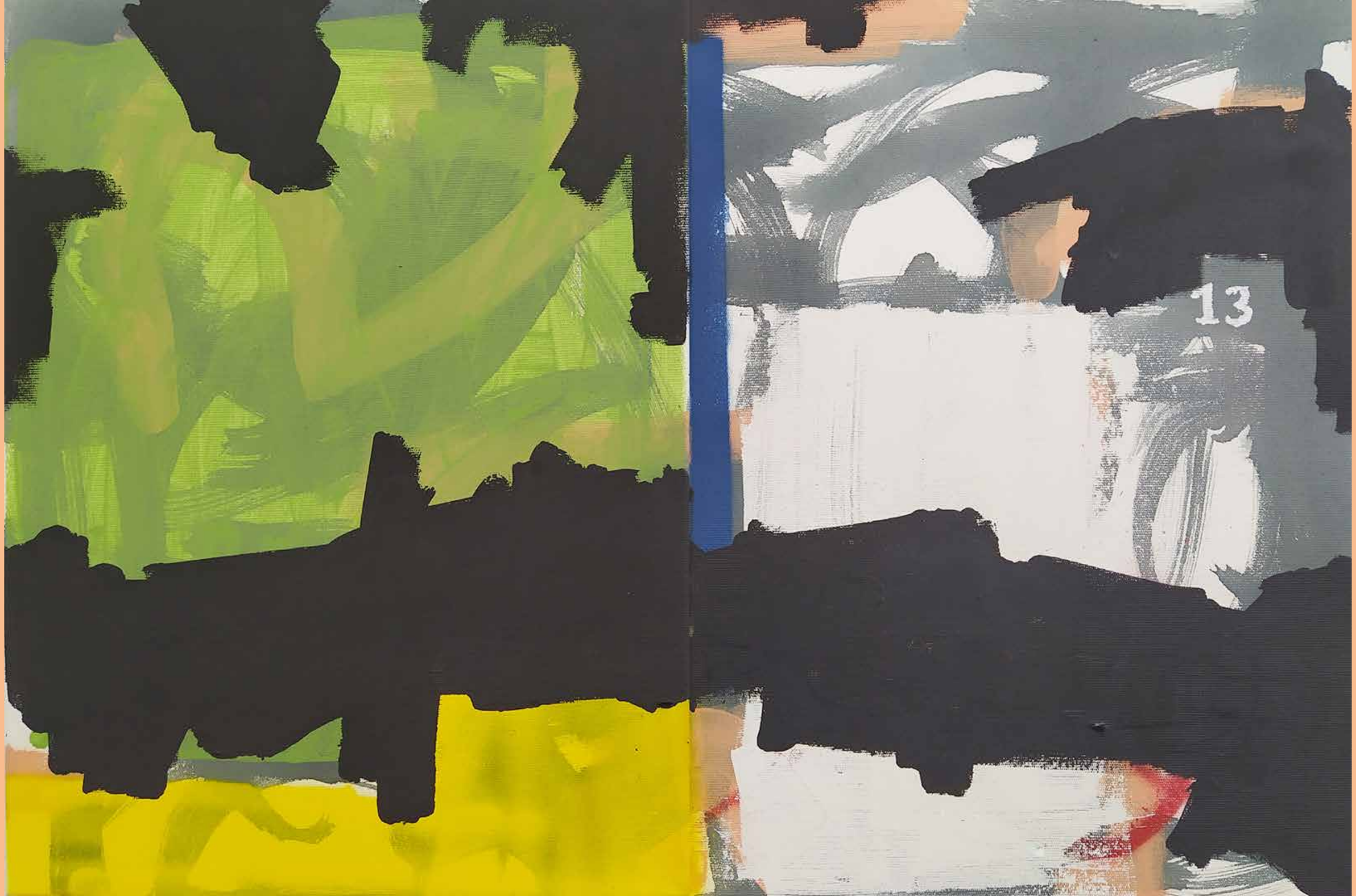
Os dias passam iguais
Sem mais
Mas o que arde nas cinzas da longa espera?
Que febre, que fogo ameaçam meu cais
Bem mais
Que esse vazio que impera?

O silêncio na sala me fere e me nega
Tudo o que o peito pede
Tudo o que o sonho gera
Na rua vazia vagueia uma fera
Sem lei, sem pecado
Sem cuidado ou violência

Os dias passam iguais
Sem mais
(Mas a calmaria envolve o ardor do mar por inteiro
E a calada estrela me sabe encantar
Bem mais
Que as centelhas de um fogo ligeiro)

No céu da cidade o azul quase cega
O olhar avezado às sombras da caverna
Colho seus retalhos de cada janela
Pra compor manhã
Na aparência vã
Da quimera

Helvio Moraes
Possui Mestrado (2005) e Doutorado (2010) em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Realizou estágio de doutorado na Università di Bologna. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, credenciado (docente permanente) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL, com sede em Tangará da Serra. De fevereiro de 2015 a fevereiro de 2016, foi visiting professor junto ao Dipartimento di Scienze Politiche e Sociali da Università degli Studi di Firenze, Itália. Publicou o livro A Cidade Feliz (Ed. da Unicamp, 2011), que compreende o estudo e a tradução comentada da utopia de Francesco Patrizi da Cherso. Na carreira artística, lançou recentemente o álbum musical "Profano Absoluto".


13

Franco Guardino
Artista Convidado

BIOGRAFIA

Nascido em fevereiro de 1987, Franco Guardino é artista plástico autodidata. Paulistano, mudou-se para o interior de São Paulo com 2 anos de idade, onde foi criado e moldado suas raízes. Volta pra São Paulo para graduar-se arquiteto e urbanista pela FAU Mackenzie, onde constrói, ao mesmo tempo que desconstrói, constantemente seu olhar para o belo.

Sua primeira e única exposição acontece coletivamente em 2017, no festival independente ESKAMBO, em Mogi Mirim. Até então dividia-se em arquiteto e artista plástico. Em 2020, dedica-se apenas às artes plásticas e passa a vender e expor sua arte apenas por plataformas online. Sua arte é autobiográfica, tanto como um olhar interno (medos, vícios e esperança) como de reflexões do mundo externo (visão de mundo).

Hoje, vê beleza nas imperfeições, no inacabado, no quase, ou seja, na vida.

ANCESTRALIDADE

Minha avó
Não foi pega no laço
Como dizem por aí
Ela foi saqueada

Sequestrada
Estuprada
Ultrajada
Escravizada

Contava-me histórias
Sobre nossos ancestrais
Das suas preces e lutas
Dos seus poderes de cura
E dos seus rituais

Deixou-me
No meu primeiro ciclo lunar
E, quando o milagre da vida se sucedeu
Lembrei-me de suas cantigas de ninar
Queria poder contar-lhe
Que em mim, uma nova vida estava a gerar

A essa criança
Que carrego nos braços
Eu cantarei cheia de emoções
Falarei do seu nome, da cor dos seus cabelos
E das suas canções

A verdadeira história
Não essa que os livros contam
Que querem nos fazer acreditar
A história da bisavó
Eu mesma, haverei de lhe contar

UM CANTO À AMAZÔNIA

Amazônia,
Deixa-me descer em teus rios
como o sangue que corre sobre minhas veias
Juntar-me-ei aos milhares de peixes que reinam sobre tuas águas.

Tu, Amazônia, morada dos verdadeiros donos dessa terra
Choras em silêncio ao ouvir o barulho das serras elétricas
Os que vieram de longe
Com olhos famintos te devoram
E enquanto sussurram palavras bonitas
tuas riquezas levam embora.

Mas, os filhos das tuas entranhas
Aqueles que há mais de meio milênio sobrevivem
E muitos como Pedro, Marina, Dorothy e Chico por ti hão de falar.
Tu sobreviverás, querida Amazônia!
Teus pulmões voltarão a respirar.

Jaqueline da Silva Oliveira
É graduada em Letras/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente mestranda em Estudos Literários, também pela Universidade do Estado do Mato Grosso. Sua pesquisa consiste em comparar obras de duas escritoras africanas, a poeta angolana Alda Lara e a poeta moçambicana Noémia de Sousa, com intuito de desvelar a produção literária dessas mulheres em um período em que, tanto Angola, quanto Moçambique demostravam insatisfação com o totalitarismo implantado pelos colonos. E como estas mulheres usaram de suas vozes para denunciar e resistir a ditadura dos portugueses. Pesquisa também sobre feminismo, relações de gênero e a condição das mulheres negras na sociedade.

SOBRE SOL E QUEIMADAS

Acordo porque agora é dia
desperto porque a luz é do sol
O sol é nossa estrela exclusiva
e mantém a paisagem viva

A paisagem, de eventual, sofre
não com o calor, mas com a chama
produzida por um palito de fósforo
riscada por um inconsciente humano...

Quando todos os bichinhos florestais
estiverem mortos, os DNA apagados
as sementes cinzas riscadas dos manuais
biológicos, porém registradas em patentes
de modernos laboratórios monetários,
nossos olhos se fecharão por definitivo.

João Bosquo
poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro Abaixo-Assinado (1977), em parceria com L. E. Fachin; Sinais Antigos (1981), Outros Poemas (1984), Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol (2006), Imitações de Soneto (2015) e Seleta Cuiabana (2019); participou das antologias Abertura (1976), Panorama da Atual Poesia Cuiabana (1986), A Nova Poesia de Mato Grosso (1986) e Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo NAMARRA (1984/86) e coordenou o projeto POETAS VIVOS (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

Se
Sempre fiz poemas...
Eram tantos e todos
Para os olhos de ninguém
Mas...
Nunca os imaginei
Soltos de "alguém"
que minha alma chama
Para si sempre (embo-
ra almas sejam)
Porque em si quer construir
Num instante (que não se acabe)
O lugar onde a vida é leve
E o querer bem permanece
Num tempo (que não se conte)
Num lugar (que não o
caiba ou cerque)
Num tamanho (que não se meça)
Num volume (que não
se possa dosar)
Se este poema é para teus olhos
Não posso negar que
(embora solto)
Está preso a ti
E, então, posso dizer
Que, antes de ti,
Eu fazia poemas invisíveis...

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
É doutor e livre docente, professor titular e pesquisador da Universidade de São Paulo-USP de onde é, atualmente, chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

HORÁRIO – TEMPO POÉTICO

Luz e treva sem fundem,
restando desse encontro,
pequenas luzes no piscar das estrelas,
como a mostrarem mundos,
em meio a escuridão do universo.

E nossos olhos com arte,
sintetizam os versos da natureza...assim.
Num momento brejeiro, de cismar com os grilos,
Preenchendo a casa, a alma.

E aqui embaixo, olhamos a terra
qual o Espaço
As ruas escuras,
das partes baixas e nos morros
vão acendendo suas estrelas
nos postes irregulares
da luz urbana

Da artificial vida que nos impõem
Que não se enganem,
Almas de seres que são
Acendedores de luz
Em suburbana realidade

Marcos Almeida Pfeifer
É jornalista, 39 anos, que quando canta, toca violão e está entre amigos gosta de ser chamado de Caco. Meu coração pulsa com a música e a poesia brasileira de Tom Jobim, Milton Nascimento, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Roque Ferreira, Clementina de Jesus. Tenho 17 anos de rádio em emissoras de Porto Alegre, como a Rádio da Universidade onde atuei como produtor, apresentador e repórter até 2015. Há 5 anos conto histórias e apresento música gaúcha, popular brasileira e sul-americana no programa Falando da Terra na radiosul.net - Sou graduado em jornalismo pela UFRGS (2009) e trabalho também como revisor. Já fui professor voluntário de Geografia em Pré-Vestibular Popular de Porto Alegre. Acredito na arte e na música como transformadoras do ser humano.

FIM DO LÁPIS... SONHOS APAGADOS

Lápis não duram para sempre. Mas queriam que durassem. Imaginem que era através do lápis que a menina se expressava. O lápis era sua boca, sua voz. O lápis desenhava no papel os sentimentos de angústias, desilusões, ainda que os palavrões fossem contidos. Não existia a liberdade expressão e a sua era cassada. Enquanto podia, o lápis pronunciava tudo que nela estava contido. "Que diabos que tanto escreve? Gasta todo o seu lápis e depois vem me pedir outro..." - Que porcaria de vida, pensava a menina. Nem sequer o lápis posso usar. "Dê aqui este lápis. Pare de gastar dinheiro escrevendo bobagens. Você já fez suas tarefas. Vá brincar no terreiro." E a menina ia para o fundo do quintal, visitar o formigueiro. O formigueiro era a casa da "Marjori". Imaginava que possuía a amizade de uma formiga... "Marjori", assim a chamava. Somente sua imaginação poderia identificar uma única formiga no meio de tantas, naquele formigueiro. Como queria ser uma formiga, enterrar-se por inteira e conviver para sempre com sua amiga... Mal sabia ela que sua amiguinha era uma operária. Que formigas não são livres. Enquanto observava o vai e vem das formigas seus pensamentos viajavam. O silêncio a recompunha e uma paz interior a conduzia para bem distante de seu mundo atormentável. Horas e horas, a menina ficava sentada no chão, traçando linhas com um galho seco escrevendo seus sonhos que seriam apagados pelo vento, pela chuva ou por um grito: ANGELIIiiiiiiiiiiinaaaa... "Que idiotice está fazendo que não percebeu que já anoiteceu? Vem tomar banho logo, ou ....

Maria Cleunice Fantinati da Silva
Doutoranda em Estudos Literários - PPGEL _ UNEMAT . Linha de pesquisa Literatura e vida social em países de língua oficial portuguesa". O Possui graduação em Letras com habilitação em Português e Espanhol pela Universidade do Estado de Mato Grosso Campus Universitário de Tangará da Serra, Especialização em Estudos Literários (UNEMAT) e Mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso . Professora titular do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso.- Campus avançado de Tangará da Serra/MT. Autora do Livro "Sem Poesias Sem Sentidos" 2013.

CURRÍCULO

Nascemos um dia
rompidos de sangue e gemidos
e topamos de subido: o ar.
Crescemos de verdes e sóis
e cobiçamos alucinados
o ouro da terra.
Aprumamos
        o navio na correnteza
        a espada no fio
        o boi na verga.
E de eito e eito
fomos perdendo
        as canções nas mandíbulas
        os gestos de vento e chuva
        as flores brotadas.
Já não nos afeta
a dor os deuses a voz
de quem não se dá
por semelhante.
Perdemo-nos
doentes dos dias e noites
sem as flamas do amor.
        Por fim
cavamos
com pá e máscaras
o túmulo cotidiano:
        cofre de acúmulos.
E já cabemos nele.
E dele já não nos livramos
como se desata sapatos
e deles nos falta a chave
        de uma inscrição lapidar.

Marta Cocco
Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.

HORA DA RETIRADA

Chegou
A hora de retirar-se.
Se fosse para fazer a mala
Tudo nem caberia:
Recolher as poucas peças de roupas
Expostas no varal
Os santos do singelo altar
E a noite com resplendoroso luar
O amanhecer mais cintilante
Às margens do Araguaia
A bandeira de luta
Pela defesa da terra
O anel de tucum
Feito pela tribo indígena.

Os sonhos, as lutas e as conquistas
O exemplo de resistência
A característica da subversão
A paz dos oprimidos
A saúde do povo sofrido
A homilia no altar dirigido
O discurso já fatigado
Os passos até ali trilhados
O chapéu de palha sovado
O sorriso dos ribeirinhos
A esperança de uma criança
E fiel
Contigo apenas levaria
Os minutos de alegria
Os exemplos de gratidão
As minúcias tão valiosas
Escolheria levar na mala:
Os restos ainda da miséria
Os exemplos de corrupção
A igreja que não anuncia
A verdade a vossos irmãos
Levaria também a crueldade
A vaidade e a humilhação

É hora da retirada
De ter sua cruz cravada
Numa cova simples de terra
De costas para o Araguaia
Em ato de subversão.

Priscila Darolt
Possui graduação em Letras Português/Inglês pela UNEMAT -Universidade do Estado de Mato Grosso. Especialista em "Informática Aplicada à Educação" pela Faculdades Integradas de Diamantino. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em ESTUDOS LITERÁRIOS – UNEMAT, Tangará da Serra, abordando a poética de D. Pedro Casaldáliga. É professora da Educação Básica do Estado de Mato Grosso, editora e revisora da Revista Literária Lit'rouxas e poeta..

A igreja diz: o corpo é uma culpa.
A ciência diz: o corpo é uma máquina.
A publicidade diz: o corpo é um negócio.
E o corpo diz: eu sou uma festa.
Céline lê Eduardo Galeano e revida:
a verdade desse corpo é a morte.

Ricardo Carranza
São Paulo, 1953. É arquiteto e Urbanista, Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas, Escritor, Editor, Pintor. Publicações – Scortecci, Sesc, Cult, Clesi, Zunái, Stéphanos, Germina, Cult, Mallarmargens, Cronópios, O arquivo de Renato Suttana, Triplov, & Escritas.org., Gueto, Ruído Manifesto. Livros de Poesia: Sexteto, Edição do Autor, SP, 2010; A Flor Empírica, Edição do Autor, SP, 2011; Dramas, G&C, São Paulo, 2012. Centelha de Inverno, G&C, São Paulo, 2019. Artigos e Ensaios in http://revista5.arquitetonica.com/ desde 2005.

HAIKAI CUIABANO

Eu descobri um ponto no sol.
Sou.
Eu descobri um sou dentro de mim.
Sol.
Solto pelo universo...
Sou sol solto pelo universo.

Em contato com o etéreo,
Em contraste com o hétero.
Eterno.
Um eterno hetero etéreo.
Um pétreo perdido, sem pernas para partir.

A vida é adjetivo de múltiplos gêneros,
Um substantivo suigeneris.
Me recolho.
Soy generoso.

Em linha!, disse o general.
Geralmente, é o que fazem os que mandam:
Batem a língua no céu da boca para produzir sons insossos.
Uníssono, gritei: sou!

Rodrigo Maciel Meloni
É um escritor/jornalista cujo trabalho já apareceu na Veja, Globo e UOL e diversas outras publicações. Ele é o autor do livro "Pobre do homem cujos desejos dependem", e responsável por produtos jornalísticos como Vidas Transformadas e Be Gay, NO Way. Contribui regularmente escrevendo poemas para a Revista Literária Pixé.

VERSOS DE AMOR E DES/ENCONTROS EM ALDRAVA DE EDSON FLÁVIO SANTOS

Aldrava (2020) de Edson Flávio Santos é explicitamente convite. Chamado a conhecer um lar/mundo decorado em pétalas de poesia. À medida que tocamos a aldrava e adentramos a porta/página/livro, ligeiramente somos tocados por um turbilhão de sentimentos amorosos que o eu lírico transborda nesta obra. A primeira parte, denominada de *antessala e vestíbulo* é organizada de uma forma singular. Nas paredes há imagens poéticas capazes de arrebatar nosso desejo de vasculhar cada cantinho deste labirinto poético. A tessitura de seus versos é diferente e convida o leitor há passar o dia inteiro. Descobrir os enigmas que ocorrem entre (seis e meia noite). Sim! Há um sofrimento amoroso subjacente. Há uma inquietação de respostas que se aguardam em solidão - é tão longe o lugar onde minha alma repousa*/qual águia que se refugia nas alturas e sucumbe aos poucos/ diante da solidão do abismo* (p.10).

(...)
até quando
oh sofreguidão desmedida
oh vida! oh vida. (p. 12).

No segundo momento, desenhado como 'alcova e quarto de dormir' há uma extensão das imagens poéticas já impressas nas paredes da antessala. Neste espaço de intimidades secretas o eu poético trava uma batalha emocional entre o querer e as possibilidades de suas posses – das posses humanas. O tempo marcado pelas regras impostas na maturidade e no envelhecer abre todas as feridas e o itinerário de todas as dores *(...) quero tanto/quero tudo/quero logo/quero cheio/intenso/voraz/total (p. 41).* Cogita-se uma leve pressa em juntar os cacos do tempo diluído, mas no fundo quer mesmo um instante/ambiente para respirar. E a alma transcende o corpo levando-o a travar uma luta com seus versos que parecem que não vem. E eles chegam trazendo o ar que precisa para respirar e chegar à sacada *(...) l e v a n t o,/abro os olhos/abro a boca/e engulo a dor./... que a i n d a d ó i.* (p. 23). Ali na alcova, as dores oferecem flores para a resignação.

(...)
voo só
    corro
v i v o,
e me (re)ivento
s
ó. (p. 23).

O eu lírico parece não clamar tão somente por amor. Evidencia também outros socos que levamos além do estômago e nos faz sentir "r a i v a muita, r a i v a" (p. 22). Embora, não seja propósito, há submerso em seus versos, um grito latente por igualdade social neste universo humano de tantos quebra-cabeças. Ao tocarmos a aldrava deste labirinto/casa de poesias, não há como não mergulhar os pensamentos nesta intensa e atual dicotomia que vivemos (...) *nos dias de hoje cabeças rolam/quando pensam (p. 32).*

Da sacada, terceira parte, mira-se o horizonte e brotam questões que direcionam o olhar à busca da compreensão da vida. Lacunas permeadas por inquietudes, descobertas e dores que marcam a relação de duas fases conflituosa entre o menino e o ser adulto. Sim, percebem-se dores - "*um tanto de dor pra viver/tudo/tudo/dói"* (p. 59). Neste espaço, seus versos entrelaçados aos versos de Eduardo Mahon, nos leva a encontrar nuances à resiliências e des/compreensão aos di/sabores da vida. Se mesmo sozinho, os versos tentam fugir, resiste-se pelos abraços da literatura que *dura a vida/letra viva/avivalma.* (p. 54).

Aldrava é isto... Lugar onde se encontram amantes, solitários e apaixonados pela vida. É viagem que se faz mais de uma vez. Lugar de re/descobertas de nós mesmos. Como justifica Michele Pettit (2008) *o autor inclina-se sobre nós, toca-nos de leve com suas palavras e, de quando em quando, uma lembrança escondida se manifesta, uma sensação ou um sentimento que não saberíamos expressar revela-se com uma nitidez surpreendente.* Por isso esta visita é indispensável e o retorno inevitável.

Referencias

PETIT, Michéle. ***Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.*** Editora 34, São Paulo, 2008.
SANTOS, Edson Flávio. ***Aldrava.*** *1 ª Edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial,* 2020.

Agnaldo Lima
É mestre em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Profletras – Unemat). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura. Mora em Alta Floresta, MT onde é professor – Publicou seu primeiro livro "Vidas: 60 microcontos para viagem" pela Carline & Caniato Editorial (2020). Colabora com a Revista Literária Pixé.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

DE QUEM É O FOGO?

Adalberto Holanda Pereira, um etnólogo cearense que conviveu muitos anos junto ao povo indígena Nambiquara, ouviu ao redor da fogueira que no tempo de antigamente, aquele que não se conta, homens e mulheres, ao saírem da grande montanha de pedra preta, passam a conviver com os animais, a conversar entre si, a disputar alimento. Os animais, há tempos a céu aberto, sabiam dos hábitos da natureza.

Na aldeia, infalivelmente, Dikilisu, um tamanduá, bem cedinho, visitava seus amigos índios. A hora era sempre a mesma: quando as mulheres preparavam a massa para o beiju, uma espécie de pão à base de farinha de mandioca. Também, com seu poderoso olfato, era muito fácil chegar na hora certa. Outros animais visitavam a aldeia, mas esporadicamente. Nunca com a frequência do enorme mamífero. Como de hábito, todo alimento deve ser dividido entre todos, gentes e bichos.

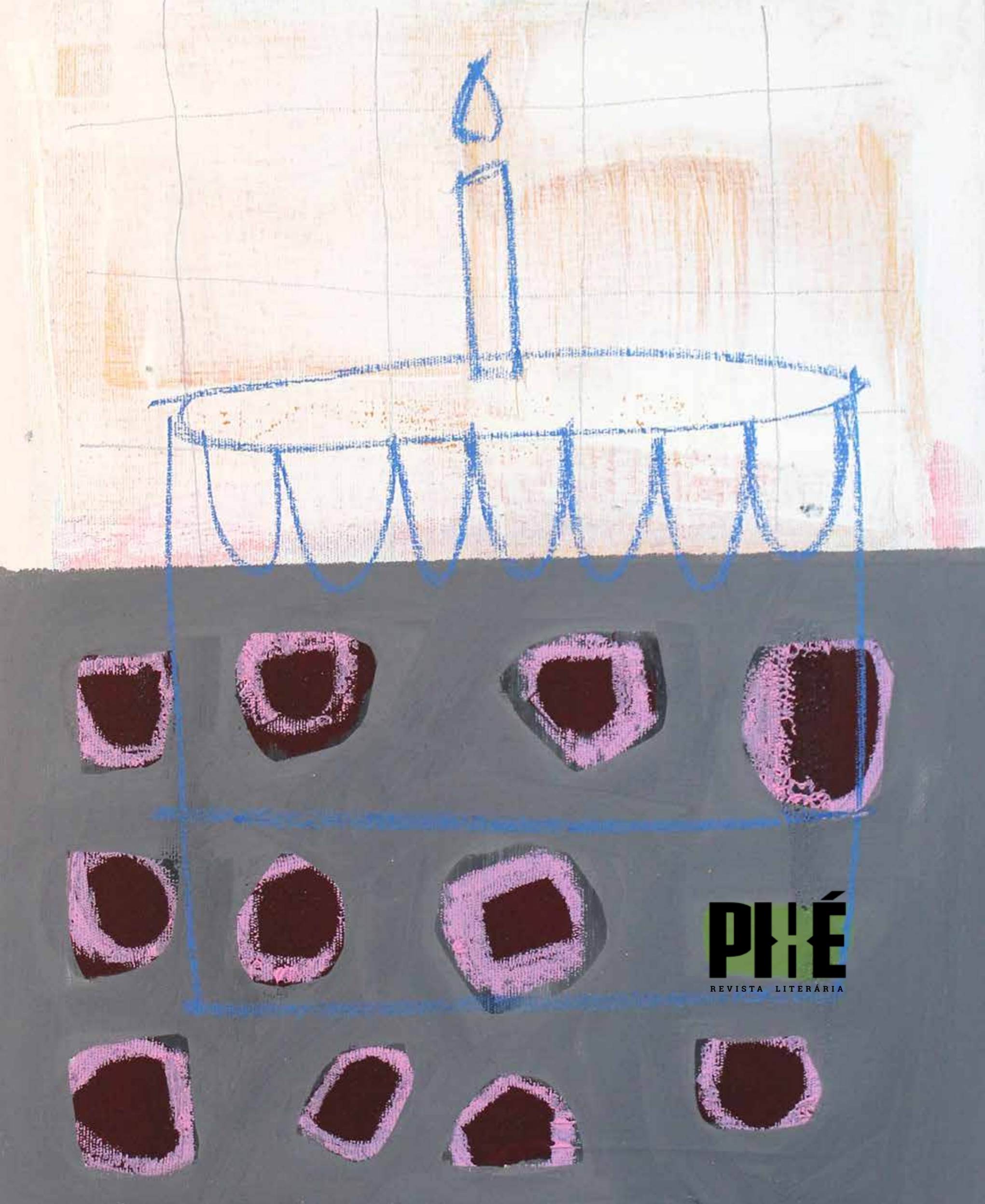
Até aí, tudo certo. O que começou a intrigar os moradores da aldeia foi o fato de o tamanduá-bandeira nunca comer beiju junto aos índios. Inventava desculpa qualquer para levar para sua casa. Desconfiados, seguiram Dikilisu. E, na aldeia dos tamanduás, todos se deliciavam com beiju assado. Como assavam os beijus?

No dia seguinte, na fartura de beijus crus, ansiosos aguardavam a chegada do tamanduá-bandeira que sempre chegava na hora certa. Diferentemente das outras visitas do mamífero, fartaram de beiju seu cesto-cargueiro. Prazenteiro, voltou a aldeia sem perceber que estava sendo seguido.

Ao colocar o cesto-cargueiro no chão, cuidadosamente Dikilisu recebeu de sua mulher dois pauzinhos. Ao friccionar um no outro, mesmo de longe, os homens avistaram uma fumacinha que junto às folhas secas, ateou fogo para assar o alimento. De tanta porção de beijus assados, em torpor ficaram, hora fácil para os homens levarem o cobiçado fogo.

Homens e animais geraram fogo.

Os homens descobriram que o fogo vive forte quando sobre ele carnes de animais assam e seu caldo escorre para alimentá-lo. Sem carne de caça para assar, o fogo é baixo, amuado e tem vida curta.


PIXÉ
REVISTA LITERÁRIA